

BIS

Edição n. 209 - Maio de 2023

Esta edição apresenta texto para reflexão

Assina essa edição: Luiz Ziegelmann - Psiquiatra da Equipe de Apoio Matricial do SSC-GHC

O que é o pensamento e o que pode o pensamento?

Gostaria de convidá-los para uma pequena viagem ou “passeio pensante” sobre aquele tipo de pensamento que poderá contribuir para um cuidado/clínica de intensificação da vida, ao contrário daquele pensamento pouco crítico, fechado em si mesmo, que opera uma clínica centrada ou restrita aos sintomas ou doenças. Acredito que será um percurso tranquilo, sem grandes sobressaltos e o mais importante, ao final, você tirar suas próprias conclusões. Mas, para isso, é fundamental você dar uma pausa, stop, na sua racionalidade, e estar aberto para ler pela pele, além dos olhos.

Antes, três questões se colocam:

Você já parou para pensar sobre a importância do seu pensamento na sua formação profissional, pois o modo como você pensa determina o tipo de prática de saúde: alegre ou triste?

Você já se perguntou se seu modo de pensar as coisas de si mesmo ou da vida é uma forma livre e criativa de pensar, ou está condicionado ou capturado por pensamentos que não são seus?

Você costuma pensar sobre o que você pensa?

Para ajudar a refletir sobre estas questões, tem uma discussão que é chave: quem pensa?

Se é *eu que penso* e que também penso o outro (pessoa, objeto), este será um produto do meu pensamento? Se sim, esta concepção do pensamento se apoia em grandes pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles, Descartes e outros que vão dizer que o pensamento vem de uma interioridade, subjetividade ou consciência. O outro, neste caso, é produto do meu pensamento, assim como todas as outras coisas das quais posso ter certeza racional. Isto significa dizer que penso, tematizo, concebo o outro sempre na interioridade de meu ser, na interioridade de meu pensamento.

Nesta perspectiva, o outro é uma representação e não uma alteridade. Aqui, o saber ou a forma ou substrato de algo aprisiona o pensamento numa interioridade, sendo uma invenção de algum plano de poder. As pessoas (outros), nesta lógica, são apenas funções, tipo: ao pedreiro só lhe cabe construir prédios para os patrões. A subjetividade do pedreiro nada importa. Logo o outro é ignorado ou coisificado.

Numa outra perspectiva, a chave está na *exterioridade*, ou seja, a consciência se percebe no ato de perceber o outro, descobre-se olhando para o outro e só então volta-se para a interioridade, em busca de um ser, de si. O outro transforma minha subjetividade em uma objetividade. Somos a experiência do outro.

Temos nestas duas perspectivas um conflito de liberdades! Temos aí um paradoxo! E um ódio pode nascer daí e a indiferença significa estar cego ao outro.

Que tal buscarmos outra perspectiva que contemple ambas e é afirmadora da vida?!

Ao contrário dos pensadores citados acima, da interioridade ou de uma consciência fundante, temos Spinoza e Nietzsche, os grandes pensadores da filosofia da vida nômade ou da vida livre, em sua potência afirmativa, em que o pensamento se dá fora da consciência, é efeito de forças e ocorre como um acontecimento no corpo. O pensamento é uma efetuação de uma potência no corpo. Deleuze, outro grande filósofo, que desenvolveu a filosofia da diferença, vai dizer que não importa a história de algo, mas o importante é sempre conhecer a história das condições de produção e do pensamento sobre algo.

Estes pensadores se recusam a pensar num “eu” e pensam o mundo como múltiplo. Podemos aqui trazer a ideia do coletivo como um conjunto de diferenças. Que tal pensarmos: “o outro sou eu e eu sou o outro”, dissolvendo o eu monolítico e trazendo o coletivo, a multiplicidade.

Se a coletividade é possível, porque sendo singularidades, diferenças, podemos construir projetos coletivos e assim aumentarmos a potência de cada um, onde a liberdade de um não é um limite a liberdade do outro, mas um estado de potência a partir de algum acontecimento. Exemplo maior aqui é a clínica pensada numa perspectiva transdisciplinar, onde o pensar e agir são compartilhados, se atravessam e ganham potência. Se torna algo impessoal e coletivo.

Logo, a partir desta perspectiva, tanto a formação profissional, como a clínica são *criações coletivas*!

Então:

A partir das reflexões acima se impõe afirmar que somos condicionados a aceitar uma certa realidade, um tanto fixa, cristalizada, marcada, estratificada. Somos reféns do exercício de uma racionalidade presa a ideais e verdades prontas. Imaginamos que pensamos o que queremos pensar, mas não, porque somos coagidos a pensar, sentir e agir de outro jeito. Somos pensamentos, sentimentos e agires prisioneiros!

Mas se libertarmos a nossa potência de sentir, pensar e agir em nós, teríamos uma outra ideia de quem somos, que seria o pensamento real de nós mesmos. E, por isso, nos humanos, pouco experimentamos e praticamente desconhecemos o valor do pensamento na condução da vida e nas suas formas libertárias de viver, em que o pensamento criativo traz a alegria que difere na criação de si e de novas maneiras de existir.

E como sair deste lugar de controle do fora e resgatar nossa potência de pensar, sentir e agir?

É pensando o que se pensa que aprendemos a pensar!

O pensamento não está preso a um saber, a não ser quando está assujeitado. Então, pensar é pensar fora do saber e do poder, também conhecido como pensamento

nômade, num processo de diferenciação. Com essa potência de pensar, seremos capazes de singularizar e construir nosso próprio destino e de propor uma outra clínica afirmadora da vida, pela nossa potência de criar outra realidade.

Essa clínica será aquela capaz de *desconstruir* juízos morais que podam o desejo e trazem culpa; será capaz de trazer outra perspectiva no pensar e fazer, não a partir do acontecido (passado), mas do acontecer, devir, vir a ser, de modo a possibilitar que o desejo flutue como potência e crie as condições favoráveis para outros modos de vida.

Gostaria de destacar dois grandes tipos de pensamentos, que são lineares na história da humanidade e, a partir deles, convidá-los a pensar sobre o tipo de pensamento que lhe atravessa.

O pensamento único é um tipo de pensamento fechado em si mesmo, de pouca plasticidade, sem terra fértil internamente para que germine algo novo, que não aceita o devir, a mudança, o diferente dele, ou o que expressa alguma multiplicidade, em que tudo está em construção, aprendizado. E, assim, torna-se um pensamento que controla e reprime modos de existência mais livres, pois está ligado aos afetos negativos que nascem, principalmente dos primeiros afetos ou “maus” encontros, produtores de ressentimento (tristeza, inveja, raiva e outros). Diria que esse tipo de pensamento produz, na grande maioria que está submetida por relações de poder, vidas rebaixadas ou modos tristes de existir.

O pensamento da diferença, ao contrário, é aquele que está em aberto, traz a possibilidade do aprendizado com o outro (fora), coletivo, num processo dinâmico de tornar-se outra coisa; sendo temporário, em movimento, tem uma potência de transformação, pela sua plasticidade, assim como ocorre com a natureza. Portanto, o pensamento da diferença inclui formas de pensar não lineares, com desvios, subidas e descidas, sem controle dos devires e da vida. Por ser aberto, ter fruição, flexível e sensível, é um pensamento sem rancor, sem preconceito, sem subjugar, desconfiar de quem pensa diferente. É um pensamento que quer afirmar a vida, a partir do que queremos e não por imposição de fora.

Portanto são pensamentos opostos e tomados aqui pedagogicamente, em sua radicalidade, como conceitos-força e que vão produzir as condições produtoras de modos de existência mais alegres, leves, coletivos ou, o oposto, modos de existência mais tristes, ressentidos, opressivos e de controle dos que pensam diferente.

Em qual deles você se encaixa...?

E, claro, os efeitos destes pensamentos fará toda a diferença, tanto na construção, no tipo e na potência do cuidado e da clínica, mas principalmente na produção de realidade ou modos de viver.